

EQUIPE DE ENFERMAGEM NA UTI: IMPACTOS DA FORMAÇÃO TÉCNICA E ACADÊMICA NA PRÁTICA PROFISSIONAL

Ana Paula da Costa Fernandes¹
Catarina Bezerra Azevedo²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar os impactos da formação acadêmica dos profissionais de enfermagem em sua atuação profissional, com ênfase nos comportamentos e reflexos psicológicos que essa qualificação pode desencadear no atendimento dentro da Unidade de Terapia Intensiva. Caracterizou-se por uma pesquisa descritiva quali-quantitativa, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado que foi respondido por 25 profissionais de enfermagem que atuam no Hospital Municipal de Barra do Garças. Os resultados apontam que as competências necessárias ao exercício da profissão não são apenas técnicas, sendo necessário o desenvolvimento de competências psicológicas e relacionais. Os dados levantados foram comparados com estudos bibliográficos, apontando que a formação desses profissionais não atende às necessidades do exercício da profissão. Verificou-se também a necessidade de transformações nos cursos de formação e investimentos na formação continuada desses profissionais.

Palavras-Chave: assistência em enfermagem; formação profissional; Unidade de Terapia Intensiva.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the impacts of the academic training of nursing professionals on their professional performance, with emphasis on the behavioral and psychological reflexes that this qualification can trigger in caring within the Intensive Care Unit. It was characterized by a qualitative and quantitative descriptive research, using a structured questionnaire as data collection instrument, which was answered by 25 nursing professionals who work at the Municipal Hospital of Barra do Garças. The results show that the skills needed to exercise the profession are not just technical, but also that it is necessary to develop psychological and relational skills. The data collected were compared with bibliographic studies, pointing out that the training of these professionals does not meet the needs of the profession. Therefore, changes in training courses and investments in the continuing education of these professionals are necessary.

Keywords: nursing care, professional qualification, intensive care unit.

RESUMEM

Este estudio tuvo como objetivo analizar los impactos de la formación académica de los profesionales de enfermería sobre su desempeño profesional, con énfasis en las conductas y reflejos psicológicos que esta calificación puede desencadenar en los cuidados dentro de la Unidad de Cuidados Intensivos. Se caracterizó por una investigación descriptiva cualitativa y cuantitativa, utilizando un cuestionario estructurado como instrumento de recolección de datos, que fue respondido por 25 profesionales de enfermería que laboran en el Hospital Municipal de Barra do Garças. Los resultados muestran que las habilidades necesarias para el ejercicio de la profesión no son solo técnicas; es necesario desarrollar también habilidades psicológicas y relacionales. Los datos recogidos se compararon con estudios bibliográficos, señalando que la formación de estos profesionales no responde integralmente a las necesidades de la profesión. Por tanto, son necesarios cambios en los cursos de formación e inversiones en la formación continua de estos profesionales.

Palabras clave: cuidados de enfermería; formación profesional; unidad de cuidados intensivos.

¹UNIVAR. Psicologia. Barra do Garças/MT. Brasil. Especialista em Avaliação Psicológica pela FAEST/UNISERRA. Especialista em Docência do Ensino Superior Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR/MT; Especialista em Psicopedagogia Clínico- Institucional pela ESAB; Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. E-mail: apfernandesbg@gmail.com

² UNIVAR. Psicologia. Barra do Garças/MT. Brasil. Psicologia pelo UNIVAR - Centro Universitário do Vale do Araguaia. E-mail: azevedokatarina@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

do e Pergorado (2010) apontam que nos últimos anos a formação na área de enfermagem superior e de nível médio vem evoluindo para uma cultura diferenciada, resgatando a particularidade específica da profissão e contribuindo para o entendimento do ser humano na sua totalidade. Considerando a Constituição Federal do Brasil (1988) o conceito de saúde deve ser ampliado, resgatando o cuidado e contemplando as diversas dimensões humanas, sejam elas: biológicas, psicológicas e sociais.

Estudos realizados por Filizola e Ferreira (1997) apontam que os profissionais de enfermagem não conseguiram, durante sua formação, adquirir controle emocional e paciência suficientes para não se envolverem com seus pacientes. Esse envolvimento emocional prejudica muitas vezes o tratamento porque o profissional de enfermagem, sem intenção explícita, deixa de prestar cuidados necessários pelo compadecimento que sente em relação ao paciente:

É durante a formação que esse profissional deve adquirir controle emocional e diminuir o excesso de envolvimento com o paciente, dessa forma deve permanecer a competência técnica no exercício da enfermagem (FILIZOLA; FERREIRA, 1997).

O profissional de enfermagem durante sua formação deveria

Esquer

vivenciar conflitos e situações de sofrimento para perceber a fragilidade e vulnerabilidade de todos os envolvidos, aprendendo a separar o exercício da profissão do exercício do cuidado humano de uma forma geral (CASATE; CORRÊA, 2006).

Para Backes et al. (2007), muitas disciplinas nos cursos de enfermagem não oferecem preparação emocional habilitando o profissional para o acolhimento e anseios próprios da profissão. O profissional ingressa numa prática desconhecida, o que traz impactos sobre sua saúde mental e muito sofrimento psíquico.

Numa Unidade de Terapia Intensiva – UTI, este problema é ainda mais complexo. Neto et al (2015) afirmam que os profissionais de saúde que atuam em uma UTI vivenciam conflitos, sentimentos e emoções que exigem não somente a capacitação técnico-científica, experiência profissional e preparo emocional, mas também o conhecimento e a habilidade para executar um trabalho em equipe.

Conforme Leite e Vila (2005) o profissional de enfermagem capacitado, experiente e com habilidades específicas, desenvolverá um bom trabalho em equipe onde permeia o respeito mútuo, atendendo ao objetivo em uma UTI que é a recuperação do

paciente em um ambiente físico e psicológico harmonioso. Assim, a formação da equipe de enfermagem, em qualquer situação, estará relacionada as necessidades do paciente em internação.

Além disso, as atividades dentro de uma Unidade Terapia Intensiva são realizadas conforme o conhecimento científico dos profissionais de saúde, tendo como base a evolução do paciente crítico. Importante ainda considerar que os dados de saúde numa UTI, em sua maioria, são disponibilizados por intermédio de aparelhos tecnológicos que exige do profissional capacitação para interpretar estes dados coletados de forma correta (SANCHES et al., 2016).

Segundo Silva et al. (2001) o atendimento à pessoa adoecida, mesmo estando ela inconsciente deve ser humanizado, cabendo aos profissionais de enfermagem utilizar de forma harmoniosa as tecnologias ali existentes, sem que esses recursos atrapalhem a interatividade com o paciente. O profissional deve promover um ambiente onde a essência do ser humano seja preservada e o cuidado deve ser um ideal digno.

A Unidade de Terapia Intensiva exige do profissional de enfermagem qualificação permanente, estimulada pela reflexão contínua de sua prática e pela construção do conhecimento, não somente no domínio da utilização de equipamentos e materiais especializados, mas em competências científicas, técnicas e emocionais (MACHADO et al., 2012).

Para Peres et al. (2011) a formação

acadêmica nem sempre favorece diretamente essas habilidades, exigindo que o profissional recrie o seu próprio trabalho inserindo saberes e interesses junto à equipe. A atuação dos profissionais de enfermagem retrata um mecanismo básico do cuidado em saúde com constantes adaptações, mudanças, criatividade e inovação, ou seja, exige uma formação de profissionais com múltiplas habilidades.

Sendo assim, os profissionais de enfermagem que decidem trabalhar nesse ambiente hospitalar lidam com muitos desafios, tais como: dor e sofrimento; morte; impotência diante da perda; e a incapacidade de lidar com situações técnicas cotidianas do próprio trabalho. É importante que busquem se qualificar e complementar sua formação acadêmica, tendo como propósito melhorar a assistência em saúde com atendimento de qualidade aos que necessitam dos seus cuidados; sempre se baseando em evidências científicas (PERES et al., (2011).

A área da saúde vivencia muitas mudanças e avanços permanentes na prática profissional por meio de pesquisas e desenvolvimento tecnológico. É necessário dar atenção especial aos enfermeiros e técnicos em enfermagem, principalmente os que atuam em uma UTI, pela especificidade desse tipo de atendimento e pelo ambiente, que acomodada pacientes críticos que necessitam de mais cuidados.

Considerando estes aspectos, esta

pesquisa buscou contribuir para o desenvolvimento de mecanismos adequados de promoção da saúde mental desses profissionais da saúde e, conseqüentemente, para um atendimento de excelência a ser oferecido por eles. Neste sentido teve como objetivo analisar os impactos da formação acadêmica dos profissionais de enfermagem em sua atuação profissional, dando especial ênfase aos comportamentos, atendimentos e reflexos psicológicos que essa qualificação pode desencadear dentro da Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O ponto de partida foi a investigação da formação desse profissional e das condições de trabalho que enfrentam, verificando como estes fatores se conjugam para determinar a qualidade de sua saúde mental e do atendimento oferecido por estes profissionais nos vários ambientes onde atuam. O local escolhido para a coleta de dados da pesquisa foi o Hospital Municipal de Barra do Garças, no estado de Mato Grosso.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza descritiva quali-quantitativa, buscando, segundo Gil (2008) “as características determinantes de populações e fenômenos específicos”. Foram utilizadas técnicas padronizadas de coleta de dados, com questionário estruturado para traçar o perfil desses profissionais e suas condições de trabalho, considerando a idade, sexo, procedência, tipo de contrato de trabalho, entre outras informações relevantes. Também foram utilizados como unidade de análise, textos e pesquisas sobre o assunto

levantados nas plataformas LILACS, SCIELO, Portal de Revistas e PubMed. Os dados coletados foram expressos em forma de números, tabelas e gráficos levando à conclusões que permitiram conhecer a realidade do fenômeno estudado.

A coleta de dados foi realizada no Hospital Municipal de Barra do Garças - Mato Grosso, uma unidade de saúde que atende toda região do entorno do município e que possui uma unidade de Terapia Intensiva (UTI) adulto. Os participantes do estudo foram os profissionais de enfermagem técnicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem que atuam dentro da unidade em regime de plantão e expediente. O questionário foi aplicado individualmente via plataforma google em função da pandemia pelo novo corona vírus e conforme a disponibilidade de cada profissional. O questionário foi formulado com 16 questões de múltipla escolha. Os participantes foram informados do objetivo da pesquisa e assinaram um *Termo de Consentimento Livre Esclarecido*.

Durante a realização da pesquisa os participantes estavam em pleno exercício da sua função. Os dados coletados pelos questionários foram dispostos e agrupados em tabelas, utilizando o software Excel após a análise e tabulação. Participaram desse estudo 25 profissionais de enfermagem nas três categorias: enfermeiro, técnico em enfermagem e auxiliar de enfermagem; todos

atuantes na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Municipal de Barra do Garças - MT. O levantamento dos dados bibliográficos foi comparado com o resultado encontrado na aplicação dos questionários, enriquecendo ainda mais a análise dos dados e a compreensão do fenômeno estudado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao perfil dos entrevistados 71.4% (n=18) representam o sexo feminino e 28.6% (n=7) o sexo masculino, o que corrobora com a pesquisa de Vasconcelos (2009) que apontou a proporção de aproximadamente 82% de profissionais de enfermagem como sendo do sexo feminino. Esta vem sendo a representação da categoria no mercado de trabalho nos últimos anos.

Atualmente mais profissionais do gênero masculino têm se inserido, gradualmente, como profissional de enfermagem. Ainda que seja um número reduzido em comparação às mulheres, a presença do homem é essencial, levando em consideração as demandas físicas às quais esses profissionais estão expostos.

Na tabela 1 estão dispostos os dados em relação à faixa etária e estado civil dos participantes.

estado civil dos participantes:

Variável	n	%
Estado civil:		
Solteiro	11	42.9
Casado	14	57.1
Divorciado	0	0
Outros	0	0
Faixa etária:		
20 a 29	7	28.6
30 a 39	14	57.1
40 a 49	4	14.6

Fonte: dados coletados da pesquisa

A idade tem grande influência no que se refere à resistência para o trabalho nessa profissão. O esforço físico demandado é considerável para algumas atividades executadas durante o percurso de uma jornada de trabalho da categoria. A análise do estado civil demonstra que os profissionais casados, em sua maioria, podem contar com a ajuda financeira do seu cônjuge; enquanto os solteiros são os únicos responsáveis por seu sustento.

O vínculo empregatício foi uma das variáveis observadas 42.9% (n=11) são concursados; 42.9% (n= 11) são contratados pela CLT; e outros tipos de prestação de serviço são 14.3% (n=3). A porcentagem dos profissionais de enfermagem que acumulam vínculos foi de 85.7% (n=21), trabalhando em mais de um lugar. Somente uma minoria, 14,3% (n=4), trabalha exclusivamente no local

Tabela 1 - Faixa etária e

onde a pesquisa foi realizada.

Segundo Queiroz e Souza (2012) em um dos estudos com profissionais da área de enfermagem, 64.34% desses trabalhadores possuíam somente um vínculo empregatício e 35.66% possuíam mais de um vínculo. Nesta pesquisa percebeu-se que a grande maioria dos profissionais de enfermagem acumulam mais de um vínculo empregatício, passando a maior parte do tempo em ambientes de saúde. Desta forma, ficam mais expostos aos riscos inerentes à própria profissão. Na região de Barra do Garças - MT, local desta pesquisa, os profissionais são obrigados a optar por mais de um emprego devido aos baixos salários e à desvalorização da categoria. Os que têm somente um vínculo apresentaram menos adoecimento em decorrência da exposição aos patógenos do próprio ambiente hospitalar.

Verificou-se que 57.1% (n=14) exercem a função de técnicos de enfermagem; 42.9% de enfermeiros (n=11); não atuando na UTI os auxiliares de enfermagem. Quanto ao tempo de atuação na área, 57.1% (n=14) já atuam na profissão a cerca de 10 a 15 anos; 28.6% (n=7) de 6 a 10 anos; e 14.3% (n=4) de 1 a 5 anos.

No que se refere à formação desses profissionais, 42.9% (n=11) tem nível superior, 28.6% (n=8) ensino médio, 14.3% (n=3) pós-graduação, 14,3% (n=3) superior incompleto.

Schmidt e Dantas (2006) pesquisaram a categoria desses profissionais da saúde e encontraram que 69.5% eram

auxiliares de enfermagem, constituindo maior número do que os outros profissionais, como enfermeiros que representavam na ocasião 11,4%. Na pesquisa em tela observamos que o número de técnicos de enfermagem supera a de enfermeiros e que não houve profissionais auxiliares de enfermagem atuando na UTI do hospital de Barra do Garças. O Conselho Federal de Enfermagem (2011) realizou um levantamento no Brasil onde observou que os técnicos de enfermagem correspondem a 79.98% dos profissionais de enfermagem que atuam em uma UTI.

Conforme Queiroz e Souza (2012) a Unidade de Terapia Intensiva, por ser um setor mais crítico em uma unidade hospitalar, é o que mais dispõe de profissionais de enfermagem. Além de melhor qualidade e quantidade de profissionais, é nesse setor que se concentra também as melhores tecnologias de monitoramento, visando preservar e recuperar o paciente crítico. A pesquisa apontou que a formação acadêmica significa muito na atuação desses profissionais de enfermagem porque o meio é adverso e exige, além da capacidade física e mental, que o profissional atue com satisfação e habilidade, convertendo tudo que está disponível em termos de recursos humanos e tecnológicos em benefícios ao paciente.

Rocha et al. (2009) afirmam que os profissionais de enfermagem que possuem

formação qualificada fortalecem o compromisso, a responsabilidade e o respeito ao cuidar. O autor relata que em alguns países os enfermeiros são generalistas e especialistas em diversas áreas. No Brasil as instituições que formam profissionais de enfermagem buscam contribuir desenvolvendo uma formação especializada e de pós-graduação (HENRIQUES et al., 2011).

A disciplina de saúde mental foi apontada no estudo como insuficiente para a formação desses profissionais. Todos os entrevistados informaram que não se consideram totalmente preparados para lidar com as emoções desencadeadas no exercício da profissão e que não há uma formação em saúde mental direcionada para atendimento básico em saúde: “o que é oferecido é muito superficial”. 100% (n=25) relataram que sua formação não foi suficiente para atendimento em relação a saúde mental dentro de uma UTI. Do total de entrevistados 28% (n=7) afirmaram sair totalmente despreparados para lidar com a morte, a dor e o abandono a que são submetidos muitos pacientes.

Os participantes desta pesquisa passam por educação continuada na unidade hospitalar de Barra do Garças. 83.3% (n=21) deles relataram que este aperfeiçoamento continuado ajuda muito na prática em saúde, construindo ações para ajudar os pacientes em sofrimento internados em uma UTI. 16.7% (n=4) afirmam que talvez a formação continuada os tenha ajudado.

A tabela 2 abaixo aponta o perfil da capacidade laboral física,

psicológica, de relações interpessoais e de interação com o ambiente de trabalho necessárias para uma boa prática profissional, na percepção dos participantes.

Tabela 2 - Perfil da capacidade laboral

Fonte: dados coletados da pesquisa

Capacidade	Moderada	Boa	Ótima
Física	3	19	3
Psicológica	2	20	3
Interpessoal		5	20
Interação com ambiente	2	21	2

Em um estudo realizado por Fernandes et al. (2015) avaliando a formação de um enfermeiro, 68.9% dos participantes disseram que se sentiram despreparados para lidar com a sua saúde mental; enquanto 31,1% consideraram estarem preparados. As causas do despreparo foram creditadas à inexperiência, falta de formação específica e insegurança.

Os resultados apresentados ressaltam a importância das questões investigadas sobre a formação e atuação desses profissionais de uma UTI. Considerando o estudo de Queiroz e Souza (2012), cuja pesquisa assinalou o tipo de relação profissional que o enfermeiro tinha com os pacientes em internação e com os colegas de trabalho, 44,44% disseram que têm uma relação somente técnica com seus pacientes e colegas de profissão, enquanto na mesma proporção, 44.4%, alegaram que têm uma assistência também afetiva. Este resultado corrobora com os dados desta

pesquisa onde se destacam a importância das habilidades psicológicas e interpessoais para o exercício da profissão de enfermagem, além da interação com todo o ambiente de trabalho.

No levantamento das competências necessárias ao profissional de enfermagem que atua em uma Unidade Terapia Intensiva, os participantes desta pesquisa assinalaram as descritas na tabela 3.

Tabela 3- Competências necessárias para trabalhar em UTI.,

Competências	n	%
Conhecimento técnico	21	85.7
Conhecimento científico	18	71.4
Liderança	7	28.6
Saber trabalhar em equipe	21	85.7
Humanização	21	85.7
Comunicação	18	71.4
Comprometimento	18	71.4
Iniciativa	18	71.4
Atitude	11	42.9
Relacionamento interpessoal	11	42.9
Ser proativo	11	42.9
Responsabilidade	14	57.1
Segurança	18	71.4
Ser dinâmico	11	42.9
Ser ético	18	71.4
Dedicação e observação	14	57.1
Coordenação da equipe	11	42.9
Gostar do que faz	14	57.1
Controle emocional	18	71.4

Saber ouvir	21	85.7
Criatividade	11	42.9
Vocação	4	14.3

Fonte: dados coletados na pesquisa

Competências técnicas, psicológicas e emocionais são percebidas como necessárias para uma prática profissional de excelência em UTI.

Para Incontri e Santos (2007) a assistência de enfermagem deve ser sentida, vivida e exercida. O cuidar necessita de empenho, disposição, doação; expressados em ações e atitudes. A enfermagem não se resume a regras e normas a serem seguidas: o paciente espera um cuidado humanizado; a relação laboral deve ser exercida com estratégias humanizadas; e a formação acadêmica e técnica deve proporcionar o aprendizado da vivência num ambiente hospitalar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado no presente estudo; em decorrência da especificidade do trabalho, é nas Unidades de Terapia Intensiva que se concentram a maior quantidade de profissionais de enfermagem, bem como os mais qualificados. A formação acadêmica e técnica desses profissionais se configura como um instrumento importantíssimo para a qualidade dos serviços prestados. É também em sua formação que o profissional de saúde tem a oportunidade de experimentar aliar a

teoria com a prática, desenvolvendo maior segurança para o atendimento de seus pacientes e a necessária postura pessoal e técnica.

Além de uma boa formação técnica, o contexto de trabalho em uma unidade de terapia intensiva exige também um preparo emocional adequado ao ambiente e situações às quais o profissional será exposto. O paciente a ser cuidado deve ser o estímulo que impulsiona suas ações, bem como é ele quem determina se o sistema e as ações implementadas têm a qualidade necessárias para atingir os objetivos durante suas atividades. Todo o ambiente de trabalho vai influenciar no atendimento, exigindo do profissional uma postura ética e equilibrada que vai influenciar até mesmo sua própria saúde mental.

Neste contexto, a formação acadêmica é essencial nesse processo complexo de atendimento. Torna-se necessário que o conhecimento científico produzido e passado na formação desses profissionais acompanhe os avanços das políticas públicas de saúde; que hoje incentiva uma visão global e holística do ser humano e um atendimento cada vez mais humanizado, considerando as dimensões biopsicossociais do indivíduo. Esta necessidade evidencia-se no presente estudo considerando as habilidades e competências destacadas pelos profissionais como importantes para um bom atendimento em uma UTI.

Verificou-se ainda que os enfermeiros e técnicos sofrem os impactos da atividade laboral sobre sua saúde mental implicando em uma

qualidade inferior dos atendimentos. Demonstrou-se que a formação acadêmica ainda não considera de forma eficiente as questões emocionais relacionadas ao trabalho; e as disciplinas de saúde mental foram consideradas insuficientes como resultado das observações da pesquisa.

Diante desse quadro, sugere-se que os gestores das UTIs utilizem estratégias para detectar problemas emocionais de forma precoce em seus colaboradores, uma vez que a maioria dos profissionais relatou durante o estudo que não consideram que saíram preparados para tratar das questões emocionais implícitas no atendimento ao paciente.

A formação continuada se configurou como uma importante ferramenta para atualização e capacitação destes profissionais, apresentando resultados satisfatórios na promoção da saúde e prevenindo situações geradoras de desgaste emocional tanto do trabalhador quanto do usuário.

Além disso, as instituições de ensino formadoras de recursos humanos para área de saúde no Brasil precisam reavaliar a necessidade de transformações na qualidade e nas normas pedagógicas de seus cursos de formação para se adequarem às exigências atuais da profissão. Uma formação adequada pode proporcionar uma rotina de trabalho mais saudável que vai beneficiar toda a unidade de atendimento e influenciar positivamente na

qualidade dos serviços ofertados ao paciente e à sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEC – FACULDADES UNIDAS DO VALE DO ARAGUAIA. Elaborando Trabalhos Científicos – Normas para Apresentação e Elaboração/Univar - Faculdades Unidas do Vale do Araguaia. Barra do Garças (MT): Editora ABEC, 2015.

BACKES, Dirce Stein; KOERICH, Magda Santos; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Humanizando o Cuidado pela Valorização do Ser Humano: ressignificação de valores e princípios pelos profissionais de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** v. 15 n.1, jan/ fev, 2007.

CASATE, Juliana & CORRÊA, Adriana. (2006). Vivências de alunos de enfermagem em estágio hospitalar: subsídios para refletir sobre a humanização em saúde. **Revista Da Escola De Enfermagem Da Usp - REV ESC ENFERM USP**. v. 40. n. 3, set, 2006.

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. **A Saúde do Profissional de**

Enfermagem para o Melhor Cuidar. Brasília, 2011.

ESQUERDO, Fernanda Azevedo; PEGORARO, Renata Fabiana. Contribuições da Psicologia para a Formação do Técnico em Enfermagem: concepções dos alunos. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 2, p. 255-264, abr./jun. Maringá, 2010.

FERNANDES, Carla Sílvia et al. A Importância das Famílias nos Cuidados de Enfermagem: Atitudes dos Enfermeiros em Meio hospitalar. **Revista de Enfermagem Referência**, v. IV, n. 7, pp. 21- 30, dez., Coimbra, 2015.

FILIZOLA, Carmem. Lúcia. Alves; FERREIRA, Noeli Marchioro Liston Andrade. O Envolvimento Emocional para a Equipe de Enfermagem: realidade ou mito? **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, número especial, p. 9- 17, maio 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENRIQUES, Maria Adriana; GARCIA, Elisa; BACELAR, Madalena. Perspective of Community Health Nursing in Primary Health Care in Portugal. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, vol. 45, núm. 2, p.1786-1791, dez. 2011.

INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana. **A arte de Morrer - Visões Plurais**. 1º ed. São Paulo: Bragança Paulista, Editora Comenius, 2007.

LEITE, Maria Abadia; VILA, Vanessa da Sila Carvalho. Dificuldades Vivenciadas pela Equipe Multiprofissional na Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 13, n.2, p 50-145, 2005.

MACHADO, Daniel Aragão et al. Esgotamento dos Profissionais de Enfermagem: uma revisão integrativa sobre a Síndrome de Burnout em UTI. **Rev**

Pesqui Cuid Fundam. v.4, n.4, p 752- 765. 2012

NETO, João Dutra de Araújo et al. Profissionais de Saúde da Unidade de Terapia Intensiva: percepção dos fatores restritivos da atuação multiprofissional. **Rev Bras Promoção Saúde**, Fortaleza, v.29, n.1, p 43-50, jan. /mar. 2016.

PERES, Rodrigues Sanches et al. O Trabalho em Equipe no Contexto Hospitalar: reflexões a partir da experiência de um programa de residência multiprofissional em saúde. **Rev. Em Extensão**, Uberlândia, v.10, n.1, p 113-120. Jan./jun.2011.

QUEIROZ, Dayane Lemes de; SOUZA, José Carlos. Qualidade de Vida e Capacidade para o Trabalho de Profissionais de Enfermagem. *Quality of life and capacity for work of nurses*. **Rev. Psicólogo Informação** ano 16, n. 16 jan./dez. 2012.

ROCHA, Barbara Souza et al. Enfermeiros Coordenadores de Equipe do Programa Saúde da Família: Perfil profissional. **Revista**

Enfermagem UERJ, n. 17 v. 2, p. 229-233. 2009.

SANCHES, Rafaely de Cassia Nogueira et al. Percepções de Profissionais de Saúde sobre a Humanização em Unidade de Terapia Intensiva Adulto. Universidade Estadual de Maringá, PR. **Escola Anna Nery** v. 20, n. 1, Jan-Mar, Paraná, 2016.

SILVA, Fernanda Duarte da, CHERNICHARO, Isis de Moraes, FERREIRA, Márcia de Assunção. A Humanização na Ótica de Professores e Acadêmicos: estado da arte do conhecimento da enfermagem. **Ciência Cuid Saúde**. v. 10, n. 2, p 381-388. 2011.

SCHMIDT, Denise Rodrigues Costa; DANTAS, Rosana Aparecida Spadoti. Qualidade de Vida no Trabalho de Profissionais de Enfermagem, Atuantes em Unidades do Bloco Cirúrgico, sob a Ótica da Satisfação. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 1, p. 54-60, Ribeirão Preto, SP. 2006.

STUMM, Eniva Miladi Fernandes et al. Qualidade de vida, Estresse e Repercussões na Assistência: equipe de enfermagem de uma unidade de terapia intensiva. **Textos & Contextos**, v. 8, n. 1, p. 140-155, Porto Alegre, 2009.